



Antologia de Ensaios

Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes

XI – Seminário de investigação, ensino e difusão

Antologia de Ensaio

LABORATÓRIO COLABORATIVO: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes.

XI Seminário de Investigação, Ensino e Difusão

Coordenação editorial

Paula André (DINÂMIA'CET-Iscte /Iscte-Instituto Universitário de Lisboa)

Apoio técnico e difusão

Mariana Leite Braga (DINÂMIA'CET-Iscte)

Edição

DINÂMIA'CET-Iscte

Agosto de 2025

ISBN

978-989-584-138-7

Fotografia na capa

Vista aérea de São Paulo, fotografia de Ruth Verde Zein



Comissão Científica

Adriano Tomitão Canas (UFU/FAUED)
Angélica Tanus Benatti Alvim (PPGAU-FAU)
Ana Cristina Sousa (FLUP/CITCEM)
Ana Gabriela Godinho Lima (UPM/FAU)
Ana M. G. Albano Amora (UFRJ/LabLugares/PROARQ)
Ana Paula Gomes da Silva (UAlg)
Ana Tostões (CiTUA - IST – Ulisboa/Portugal)
Bruno José de Sousa Marques (UA, IHA, NOVA)
Cláudia Costa Cabral (UFRGS)
Claudio Galeno-Ibaceta (EA, UCN)
Daniela Marzola Fialho (UFRGS/PROPUR)
Francesca Dal Cin (CIAUD/FAUL)
Horacio Torrent Schneider (PUCC)
Inês Martina Lersch (UFRGS/PROPUR)
João Baía (CENRI-UA)
João Branco Pedro (LNEC)
José Geraldo Simões Júnior (UPM/FAU)
Lia Antunes (CEAACP/UAlg)
Luis García-Galiano de Rivas (UNAM)
Luís Sebastian (IP)
Maria Fernanda Derntl (GPHUC-PPGFAU-UnB/CNPq)
Maria Isabel Villac (UPM/FAU)
Maria Leonor Botelho (FLUP/ CITCEM)
Miguel Reimão Costa (CEAACP/UAlg)
Paula André (DINÂMIA'CET-Iscte/Iscte- IUL)
Paulo Simões Rodrigues (CHAIA/UE)
Pedro Guilherme (CHAIA/UE)
Ruth Verde Zein (UPM/FAU)
Sérgio Barreiros Proença (*formaurbis* LAB, CIAUD/FAUL)
Sofia Aleixo (CHAIA/EU; CHAM/UNL)
Sofia Salema (CHAIA/UE)

Índice

p.1

São Paulo como Palco: Acolhimento do XI Laboratório Colaborativo pelo PPGAU-FAU Mackenzie

Angélica Benatti Alvim
Ruth Verde Zein

p.2

Triunfo da Ação Comunicativa!

Paula André

p.3

Gênero e propriedade no processo de ruralização em Pirenópolis no século XIX

Nádia Mendes de Moura
Maria Fernanda Derntl

p.16

O bairro do Malforo e a expansão extramuros em Tavira. Contributo para a história da casa na história da cidade

Sandra Romba
Miguel Reimão Costa

p.40

A Cidade Viva: Corredores Verdes de Lisboa e a Visão de Gonçalo Ribeiro Telles

Elodie Marques
Paula André

p.59

Espaços Residuais em Favelas: Territórios de Resistência, Memória e Regeneração Ambiental

Ester Carro
Angélica Tanus Benatti Alvim

p.77

Escutas Pedagógicas no Ensino de Arquitetura e Urbanismo

Ricardo Ruiz Martos
Ana Gabriela Godinho Lima

p.88

O Edifício Escolar e a Cidade: Análise Projetual em Medellín nas Escalas KM, M e CM

Leonardo Tadeu Kseib Coelho da Silva
Ana Gabriela Godinho Lima

p.110

Campos Elíseos em Três Tempos: Evolução, preservação e deterioração de um bairro planejado

Felipe Romano

José Geraldo Simões Júnior

p.124

Construindo a Cidade Turística: Campos do Jordão ao Longo do Século XX

Marcelo André Ferreira Leite

José Geraldo Simões Júnior

p.140

Reflexões sobre as estratégias projetuais presente nas obras de Rem Koolhaas: uma análise de bibliotecas contemporâneas, entre teoria e projeto

Liliane Cristina da Silva Camargo

Maria Isabel Villac

p.155

Imaginar História(s) da Arte de artistas de sexualidade dissidente: uma reflexão sobre o caso português

João Miguel Melo de Góis

Bruno José de Sousa Marques

p.171

Siza's Artisticity in Santiago de Compostela: the Galician Centre of Contemporary Art

Leonor de Andrade Calhau

Ana Tostões

p.184

Interfaces Entre Arte e Cidade Através de Práticas Coletivas: Saber e Modo de Produção Manual como Dispositivo Ativista

Adriane Silvério Neto

Adriano Tomitão Canas

p.197

Entre o Real e o Imaginário: Uma Leitura de Patos de Minas através de seus lugares e suas lendas

Ana Luísa Gonçalves Silva

Adriano Tomitão Canas

p.215

De Pampulha a Inhotim: Arquitetura e Arte Mural no Brasil

Valentina Martins Marques

Cláudia Piantá Costa Cabral

p.231

Niemeyer e o Teatro: entre a quarta parede e a quinta fachada

Stéphanie Garces Cerioli

Cláudia Costa Cabral

p.245

Entre uma valoração econômica e uma valorização sociocultural - o patrimônio cultural edificado do Centro Histórico de Porto Alegre

José Daniel Craidy Simões

Daniela Marzola Fialho

p.259

O Imaginário do Habitar nas Cooperativas Habitacionais de Farroupilha (RS)

Samila Balbinot

Daniela Marzola Fialho

p.274

Infâncias nas Cidades: experiências de apropriação dos espaços urbanos pelas crianças

Maria Augusta Scalcon Calil

Inês Martina Lersch

p.289

Esboço para uma Crítica da Propriedade Coletiva na Dialética Social de Porto Alegre

Alexandre Kramatschek Tavares

Inês Martina Lersch

p.302

Desvelar o Icônico: Revisão Crítica das Narrativas Canônicas no Ensino de Arquitetura sob uma Ótica Feminista

Thaysa Malaquias de Mello

Ana M. G. Albano Amora

Claudio Galeno-Ibaceta

p.316

Procura das raízes. Fragmentos da vida e obra de Álvaro Siza

Cláudia Batista

Pedro Guilherme

Sofia Salema

p.335

Convento da Tomina: Contributos para a Compreensão da sua Identidade Patrimonial

Carlota Rocha

Sofia Aleixo

p.349

A Alma dos Monumentos: Enquadramento conceptual, teórico e prático do Património Integrado

Ana Carolina Cardoso Cunha

Maria Leonor Botelho

Ana Cristina de Sousa

Luís Sebastian

p.362

Entre Emancipação e Controle: o uso do LiDAR em processos de cartografia colaborativa em favelas

Stefania Dimitrov

Angelica Benatti Alvim

p.376

De provinciana a internacional: interiores modernos de uma Curitiba em transição

Giovanna Renzetti

Ruth Verde Zein

p.384

Modos de habitar, arquitetura vernacular e paisagem da povoação piscatória de Cabanas de Tavira

Patrícia Gonçalves

Miguel Reimão Costa

Lia Antunes

João Baía

p.408

A reabilitação do interior de edifícios antigos de uso habitacional: documentos normativos, conceitos e desafios

Marta Vicente

Paula André

João Branco Pedro

p.429

Entre o diário e o quadro: viajantes vitorianas e o nascimento da pintura de paisagem feminina

Laura Vitorino Rebelo

Paulo Simões Rodrigues

p.449

Turismo de Experiência em Aldeias do Interior Algarvio: um conceito de Turismo Circular através das Sensações

Daniela Toledano

Ana Paula Gomes da Silva

p.463

Publicar Lisboa em três momentos (1935, 1956 e 1972): a construção fotográfica de Lisboa no Estado Novo

Joana Nunes

Paula André

p.476

Condición brasileña y superficie: relaciones entre vestuario y arquitectura en trabajos de Lina Bo Bardi

María Cecilia Vera Vivanco

Horacio Torrent

p.489

Patrimonio moderno y cambio climático. Los espacios vacíos y verdes en el paisaje habitacional moderno como valor ecosistémico

Rodrigo Gertosio Swanston

Horacio Torrent

p.507

Diálogo entre territorio, arte y arquitectura: la expansión de la infraestructura cultural en la Ciudad Universitaria de la UNAM entre 1973 y 1981 y su importancia actual

Isaura Gonzalez Gottdiener

Luis García-Galiano de Rivas

p.527

Património Insular Africano: entre a transformação e a preservação

Cristiana Valente Monteiro

Sérgio Barreiros Proença

Francesca Dal Cin

p.545

Notas Curriculares

Convento da Tomina: Contributos para a Compreensão da sua Identidade Patrimonial

Carlota Rocha

Dep. Arquitetura – EAartes – Universidade de Évora

l49039@alunos.uevora.pt

carlota.s.rocha@gmail.com

Sofia Aleixo

IHC-CEHCi/DArq – EAartes, Universidade de Évora

CHAM-SLHI, FCSH – Universidade Nova de Lisboa

saleixo@uevora.pt

Resumo: A salvaguarda do património, aliada à valorização da identidade local, é um tema de crescente relevância na prática arquitetónica, requerendo uma abordagem que considere o contexto histórico na identificação dos valores socioculturais de cada lugar, particularmente quando este perdura na identidade local. O presente artigo é elaborado no âmbito da dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, em curso na Universidade de Évora intitulada *Sustentabilidade Sociocultural do Património: Proposta de Salvaguarda e Valorização do Convento da Tomina*, edifício religioso seiscentista, localizado na Herdade da Contenda, no Município de Moura, cuja proteção apenas se encontra salvaguardada pelo *Plano Sectorial da Rede Natura 2000*, como “Sítio de Interesse Comunitário Moura/Barrancos (PTCON0053)”. Apresenta-se o contexto em que este edifício religioso se insere, assim como a história da sua fundação, temas que irão posteriormente informar a definição de recomendações para a salvaguarda deste património. Estas recomendações procuram ser um contributo para qualquer proposta de adaptação a um novo uso para este Convento, considerando os requisitos do habitar contemporâneo e assim, intervindo de modo pensado, estruturado e faseado, preservar os valores materiais e imateriais em presença. Com esta investigação, que irá orientar uma proposta académica, pretende-se contribuir para evitar a definitiva perda deste património tão valorizado pela comunidade local.

Palavras-chave: Ruína, Identidade, Valorização, ‘Espírito do Lugar’, Arquitetura Religiosa.

Introdução

A capacidade de satisfazer as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das próximas gerações satisfazerem as necessidades que o futuro lhes reserva (Brundland, 1987) apresenta o conceito de sustentabilidade que está na origem desta investigação. O conhecimento aprofundado do contexto em que os edifícios de valor sociocultural a preservar para as gerações futuras se inserem, assim como da história da sua formação, constitui a base necessária para a identificação dos elementos que estruturam uma identidade patrimonial, permitindo o seu reconhecimento, preservação e valorização. Tal abordagem contribuirá para que a memória coletiva, construída e transmitida ao longo do tempo, não caia em esquecimento, e contribua para que o seu uso na contemporaneidade preserve o tempo passado.

O património é um conceito que envolve tanto a natureza, como a capacidade de pensamento e de trabalho de uma comunidade, de modo a conseguir, primeiro, a sua sobrevivência e, mais tarde, o desenvolvimento e a melhoria da sua existência. A preservação do património assegura que as gerações atuais conheçam as raízes das suas vivências, permitindo-lhes, assim, encarar o futuro, com uma maior compreensão e consciência do seu passado.

Os processos de patrimonialização, por definição, são construções sociais que refletem valores, interesses e contextos sociais. Os valores que são atribuídos ao património cultural podem ser distinguidos entre diversos valores, nomeadamente: histórico, autenticidade, estético ou artístico; antiguidade e raridade; exemplaridade; contemporaneidade; documental; e etnográfico.¹

Através da conservação e adaptação a novos usos, no que diz respeito à preservação do património, a Arquitetura garante a conexão com o passado, contribuindo para a preservação dos valores e memórias das comunidades. O Convento da Tomina (1686) é um testemunho da história religiosa e cultural da região onde se insere, cuja presença se mantém relevante para a comunidade. Para a sua preservação, requiere-se um conhecimento vasto dos valores a preservar, tanto arquitetónicos, quanto sociais e culturais. No entanto, trata-se de um edifício cujo estudo sistémico não teve ainda lugar.

Enquadramento Geográfico

Santo Aleixo da Restauração é uma freguesia na fronteira com Espanha, e tem atualmente 1566 habitantes. Pertence ao concelho de Moura, no distrito de Beja, inserido na região do Baixo Alentejo. Acredita-se que em 1252 Santo Aleixo já existiria com o topónimo de Campo de Gamos. O Convento da Tomina situa-se nos limites da Herdade da Contenda (ver Fig.1), com 5270 hectares, na qual se praticam atividades agrícolas, pecuárias e apícolas, sendo um elemento de referência na região².

¹ UNESCO, ICCROM E ICOMOS, 1994.

² AUTORIDADE FLORESTAL NACIONAL (AFN), 2023, pp. 4-6.

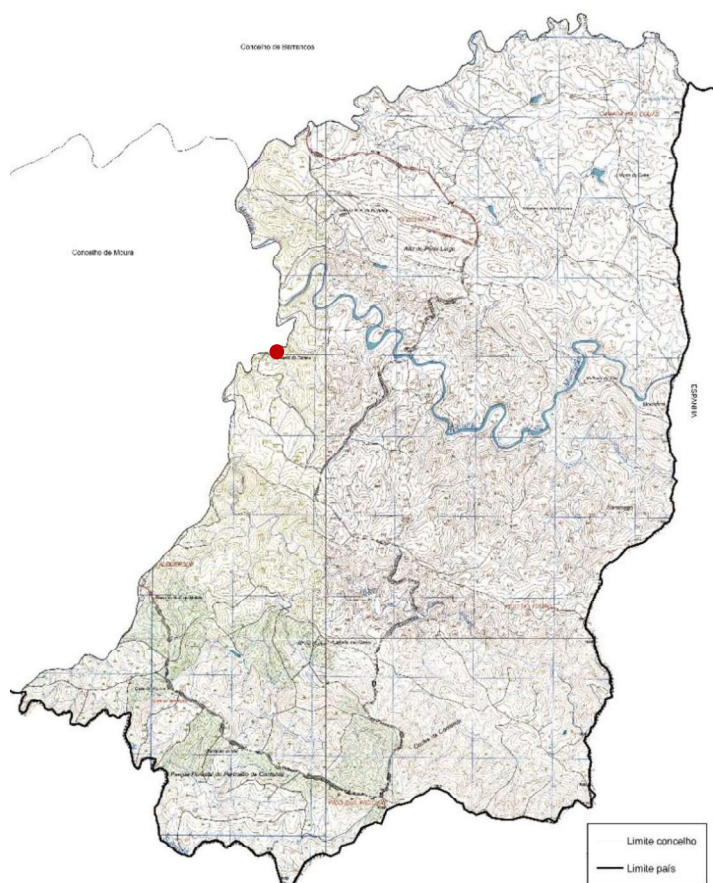


Figura 1 – Carta de Localização do Perímetro Florestal da Contenda (a vermelho, o Convento). Escala 1:25 000. Projeção Gauss, Elipsóide de Hayford – DATUM Lisboa. Elaborado por João Ribeiro (2009).

Desenvolvimento

No âmbito do Plano de Ordenamento e Gestão da Herdade da Contenda (DGRF, 2006^a, p. 36), e citando LECOQ, o Convento é classificado como um dos

“elementos com reduzida dimensão em termos de superfície ocupada, mas que se destacam no conjunto da Unidade de Paisagem pela sua diferença, pela qualidade intrínseca – ou pelo contrário, por constituir uma dissonância desqualificadora – e/ou pelo impacto – sensitivo, cultural ou ecológico – que têm sobre a unidade”.³

A paisagem da Contenda revela um carácter predominantemente seco, consequência das escassas quantidades de precipitação anual, que se concentram sobretudo nas estações de outono e inverno, e dos verões prolongados, com temperaturas elevadas. Apesar do clima árido, o território é atravessado por diversas linhas de água, cuja presença se destaca na paisagem. Este contraste explica-se pela intensidade ocasional das chuvas e pelas características do solo local, por ser predominantemente xistoso, erosionável, e com baixa capacidade de absorção, como se encontra descrito no texto *A Herdade da Contenda. Uma Paisagem Única como Paisagem de Referência*.⁴

As linhas de água do Perímetro Florestal da Contenda pertencem à Bacia Hidrográfica do Rio Guadiana. Esta é constituída por linhas de água de regime temporário, onde se

³ LECOQ, 2014, p. 143.

⁴ LECOQ, 2014, p. 143.

destacam quatro ribeiras de regime torrencial: Ribeira do Arroio, Ribeira de Murtigão, Ribeira de Pae Joanes e Ribeira do Safarejo.⁵ Embora se encontrem secas durante grande parte do verão, a Ribeira de Pae Joanes, pode registar subidas significativas do nível da água em períodos de precipitação intensa. Este facto torna-se particularmente relevante porque afeta a acessibilidade ao Convento da Tomina, isolando temporariamente o convento (ver na Fig.2 a proximidade da Ribeira ao Convento).



Figura 2 – Digitalização. Planta geral. Identificação do Convento, da Ribeira de Pae Joanes, e das Hortas. “3 Peças desenhadas a partir de originais em papel vegetal do Convento da Tomina (Arquivo ICNF) (s/d).⁶

A vegetação, na sua envolvente, é resultado das características climáticas típicas da região e dos efeitos da ação humana ao longo do tempo. A cobertura vegetal é composta por espécies adaptadas à seca, resultado da escassez hídrica estival e da pouca profundidade dos solos. Nas encostas, encontra-se fragilizada, consequência da erosão provocada pelas chuvas e pelo vento, fatores agravados pela prática de atividades agrícolas e pelo pastoreio intenso (aumentando a sua vulnerabilidade à ação dos agentes climáticos). Como resultado, a regeneração natural da vegetação tem sido dificultada, dando lugar a uma paisagem marcada, pontualmente, por azinhais ou carvalhais degradados, mais densos apenas nas zonas de vale ou ao longo das linhas de água, como na Ribeira de Pae Joanes.

Neste momento, apesar do seu estado avançado de ruína em que é notório o domínio das espécies arbóreas, o edifício conventual mantém e transmite um caráter místico, onde as cores, os cheiros e os sons o tornam num espaço singular, ao qual acresce a sua envolvente, dado que se insere numa área de significativo valor natural e paisagístico. É precisamente nesta paisagem inóspita, marcada pelo isolamento, pela dificuldade de acesso e pela dureza da envolvente natural, que o eremitismo encontra o seu enquadramento ideal, justificando a escolha deste local como refúgio espiritual por parte daqueles que procuravam o afastamento do mundo e a vida de recolhimento e oração.

⁵ AUTORIDADE FLORESTAL NACIONAL (AFN), Perímetro Florestal da Contenda, 2023

⁶ LECOQ, 2014, p. 312.

Eremitismo e Escolha do “Deserto”

Tendo o eremitismo sido uma expressão comum da espiritualidade nos séculos XVI e XVII, os eremitérios estão na origem das Congregações Religiosas. Os eremitas procuravam a aproximação com a divindade, através do afastamento da sociedade, da oração, do jejum e da mortificação do corpo. Instalavam-se em lugares isolados e muito dificilmente acessíveis, à falta do que seria o espaço ideal de recolhimento: o “Deserto”, que passou a tornar-se sinónimo de “Convento”.⁷

Filho do Abade de Arrifana de Sousa (Penafiel), tomando já o hábito de Monge, foi em Alcácer do Sal que Manuel de Beça Leal teve o primeiro contacto com uma pequena comunidade de eremitas, com a qual ganhou interesse pela vida eremítica e decidiu, em 1677, com 24 anos, rumar ao Alentejo, em busca do seu destino.⁸

Ele e o companheiro, Manuel Jorge, partiram para Espanha em busca da aspereza que procuravam e, passando a Serra Morena, chegaram à aldeia de Santo Aleixo da Restauração. Foram os habitantes dali que lhes garantiram que o local ideal estaria “no fim do Baldio⁹ de Rabo de Coelho, distrito da freguesia de Santo Aleixo, termo da vila de Moura”¹⁰, o qual encontrariam se continuassem em direção à Serra de Arouche, que era tão inabitada, que nem os caçadores entravam, por causa dos lobos e da bicharia, a não ser para fazer montarias.

Ao longe avistaram um lugar que lhes pareceu certo para as suas habitações, por ser elevado e com uma grande densidade de árvores. Em busca de água, encontraram um lameiro e aí fizeram uma fonte. “Do charco ajeitaram a nora”. No entanto, este território tinha um carácter comunitário, sendo partilhado por Portugal e Espanha. Por acordo mútuo entre os dois governos – vivia-se ainda no rescaldo da Guerra da Restauração, que terminara 18 anos antes, em 1668 – ficou decidido que nenhuma das partes poderia construir edificações cobertas com telha, precisamente para evitar qualquer ideia de vínculo ou posse definitivos.¹¹

Construção do Convento

Tendo sido proibidas construções perenes, foi levantada uma choça com paus e com o mato envolvente, coberta de terra, “feita como de abóbada¹²”, para que não chovesse dentro, e com a ajuda de alguns caritativos, foi também incluído um pequeno altar com uma cruz. Com o mesmo mato, fizeram um oratório para a comunidade se reunir em oração. Aqueles que não podiam contribuir com esmolas, trabalhavam na dita obra, tendo esta resultado com as proporções certas para o corpo da igreja.¹³

⁷ JORGE, P.M. séc. XVIII, p. 6 (296).

⁸ FRANCO, J., MOURÃO, J., GOMES, 2001, p. 294.

⁹ No livro *Os Baldios*, de Manuel Rodrigues. Esses terrenos são caracterizados pelas Ordens Filipinas (séc.XVII) como terras incultas e sem memória de aproveitamento, que, não tendo sido reservadas pelo rei, foram atribuídas aos povoadores nos forais, para uso comum em atividades de pastoreio e subsistência. Em 1793, D. Maria I aprova uma lei que proibia os pastos comuns em Serpa e Moura, atentando assim contra uma das principais funções do baldio, a pastorícia. Nesse ano, as posturas de Moura aboliam os pastos comuns, com o acordo do concelho, da nobreza e do povo. (pp. 36- 37).

¹⁰ Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p.294.

¹¹ CALDEIRA, 2016, p. 173.

¹² Também chamada de “falsa cúpula”.

¹³ JORGE, séc. XVIII, p. 4 (294).

O autor do Manuscrito “Diversos textos memorialísticos ligados à Congregação da Tomina e ao seu fundador”, afirma que o mencionado asceta “ficou mais amparado para poder continuar a sua vida eremítica e o instaram para que fosse à Aldeia pedir suas esmolas quando tivesse necessidade ... onde ia uma vez na semana a buscar o seu sustento necessário, assim para o espiritual, como temporal”. Motivados por verificarem que poderiam ajudar espiritualmente aquela região, onde escasseava a prática religiosa, determinaram construir ali um Convento.¹⁴

O desejo do Padre Manuel de Beça Leal, era construir o Convento no vale onde se localizavam os seus abrigos, mas os habitantes da aldeia aconselharam o fundador a não o fazer, uma vez que era território partilhado entre Portugal e Espanha, como acima referido, e que o melhor seria construir no baldio do Rabo de Coelho, em terras nacionais. Mas a proximidade com a água e a ligação que criara ao sítio, fê-lo querer edificá-lo nas proximidades de um imenso penedo.

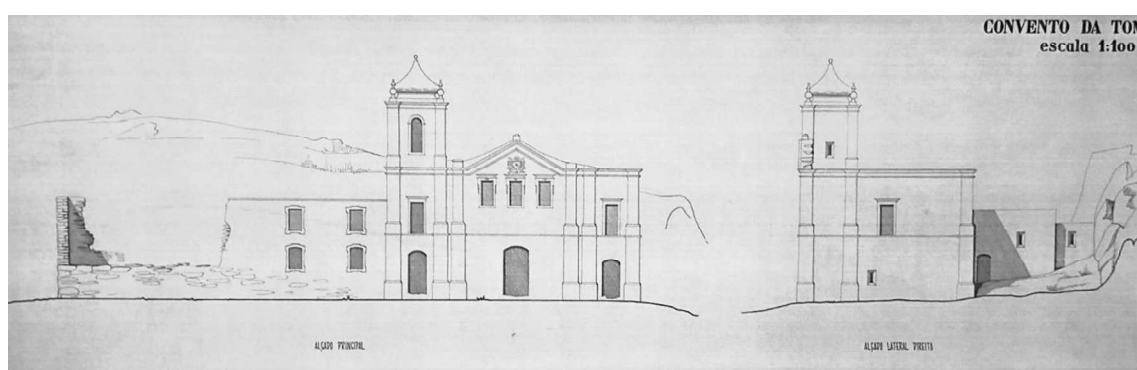


Figura 3 – Digitalização. Alçado Principal e Alçado Lateral Direito do Convento. “3 Peças desenhadas a partir de originais em papel vegetal do Convento da Tomina (Arquivo ICNF) (s/d).¹⁵

Os moradores de Santo Aleixo, com o objetivo de melhorar a habitação, demoliram o rochedo e no seu lugar foi construída a Igreja, defendida por uma escarpa alta (ver Fig.4). No livro “A Aldeia de Santo Aleixo”, pode ler-se a descrição da disposição do edifício que consta nas “Memórias paroquiais”: “em um sítio áspero e frágil, composto de descompostos e altíssimos rochedos, que vencem na altura o mesmo edifício da Igreja”¹⁶

¹⁴ JORGE, 1739, p. 2.

¹⁵ LECOQ, 2014, p. 312.

¹⁶ CALDEIRA, 2016, p. 147.



Figura 4 - Integração do Convento na Paisagem. Fotografia da autora. 15.10.2024.

Segundo os relatos coevos, terá sido a população de Santo Aleixo a instar Manuel Maria a ordenar-se padre, uma vez que tinha estudos e sabia latim. Manuel de Beça Leal, como marca simbólica da sua nova vida, adota então, em 1683, o nome de Padre Manuel de Jesus Maria.

O Convento da Tomina, destinado à vivência de frades — ou seja, uma comunidade exclusivamente masculina —, datado do século XVII, é descrito nas “Notícias”, que situando-se num local tão baixo, sendo, por isso, difícil de encontrar, o fundador mandou erguer dois calvários, no cimo de dois altos montes ¹⁷.

Construiu-se ainda, em poucos anos, um espaço conventual junto à Igreja, com oficinas, cozinha e refeitório, e um corredor com várias celas (ver Fig. 5). Sabe-se que a Igreja do Convento tinha três capelas. O Convento era composto por dois corredores, cada um com sete celas, um refeitório, uma sala de estudos e várias oficinas:

“Tem três altares, o maior com a imagem de Nossa Senhora com a invocação das Necessidades, titular da Igreja e patrona da Congregação, prodigiosa em maravilhas, por isso buscada com frequência de romagens....O Convento é pequeno, consta de dois corredores ou dormitórios, com sete celas cada um, refeitório, casa de estudos e mais oficinas. Fica metido entre serras, as quais formam um vale, que divide este Reino do de Castela”.¹⁸

¹⁷ Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p. 45.

¹⁸ BISPO, 1758, p. 80.

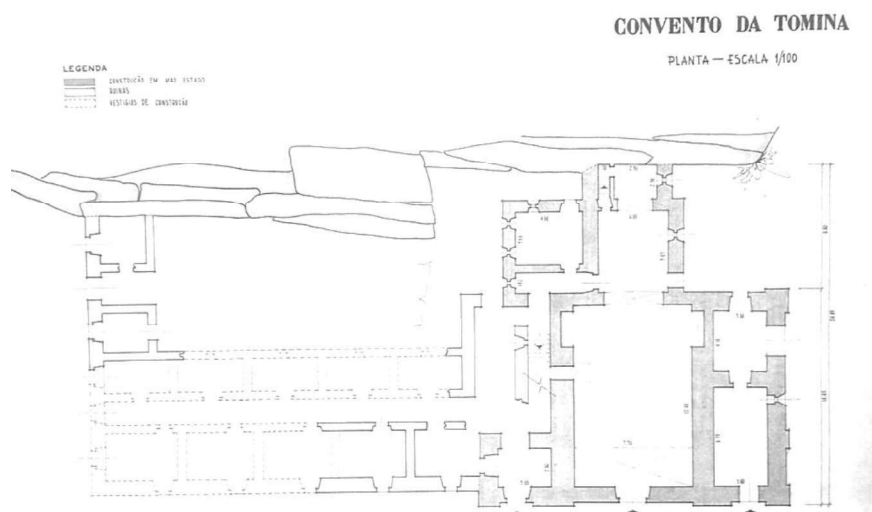


Figura 5 – Digitalização. Planta do Convento da Tomina, “3 Peças desenhadas a partir de originais em papel vegetal do Convento da Tomina (Arquivo ICNF) (s/d).¹⁹

“Não terão nas Celas couza alguã de comer ou beber; nem quadros curiosos; nem outras alguas alfayas proprias; e só terão hũa Crusa à cabeceira, ou algûs laminas de Christo Senhor Nosso, da Beatissima Virgem MARIA Nossa Senhora, ou de algûs Santos de sua devoção: mas estas laminas não terão molduras; e todas as Celas terão a mesma proporção, e a mesma pobreza, sem distinção de leigos a Sacerdotes.”²⁰

Dormiam num estradinho de tábuas de azinho, com uma manta e uma cortiça. Não se permitia entrar nas outras celas, a menos que algum companheiro estivesse doente.

Mas a pressa de fazer a obra e sem a utilização dos melhores materiais, fê-la sofrer uma grande ruína passado uns anos e, mais uma vez, o povo da Congregação da Tomina ajudou na reparação, melhorando as celas e pensando nas necessidades da comunidade. Juntam-se aos Padres outros eremitões e o peditório alarga-se a outras aldeias.²¹

Milagre da Tomina

Por volta de 1688 deflagrou um grande incêndio na região, ameaçando as pastagens de Santo Aleixo. O incêndio terá queimado as searas, mas deixando intacto o grão, tendo as gentes de Santo Aleixo atribuído este milagre aos “Santinhos da Tomina”. Orando para que as suas necessidades fossem atendidas, a população invocou a intercessão de Nossa Senhora, tendo subitamente caído uma chuva tão abundante, que o fogo se extinguiu. Perante este acontecimento, a imagem do Convento (doadada por uma habitante de Santo Aleixo) é apelidada de Nossa Senhora das Necessidades da Tomina. Em agradecimento a este milagre, os habitantes de Santo Aleixo, decidiram fazer uma festa em honra à sua protetora. Logo a 15 agosto desse ano, foi celebrada a primeira festa recordando este milagre:

“E para que tal prodígio se conservasse memória, mandaram alguns devotos fazer painéis com a imagem de Nossa Senhora cercada de espigas de trigo.” Alguns destes painéis,

¹⁹ LECOQ, 2014, p. 312.

²⁰ ARCEBISPO DE EVORA, p. 25.

²¹ Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p. 45.

foram espalhados por diversas paróquias do Alentejo, podendo ainda hoje ser encontrados em alguns locais.²²

Em 1698, o Prior de Santo Aleixo, incomodado com as ofertas feitas pelos seus paroquianos à Congregação rival, apresenta queixa ao Arcebispo de Évora, que ordena que se mande arrasar o Convento. As gentes de Santo Aleixo pegam nos bens da Tomina, incluindo os sinos, e depositam-nos do outro lado do ribeiro. Ainda no Manuscrito²³ é referido que quem ficou de executar a demolição (por amizade ao fundador do Convento ou por medo do divino), tirou apenas algumas telhas e derrubou poucas pedras de uma parede, apenas porque tinha de cumprir ordens. O Padre Manuel de Jesus Maria dirigiu-se a Lisboa, de modo a queixar-se dessa injusta denúncia ao próprio Rei, que autoriza a construção do muro da cerca, onde se localizava a horta, na qual os monges decidiram plantar vinha. Ficaram estas terras sujeitas a Portugal e Castela, e o Convento, a Portugal apenas.

Reconhecimento do Convento

O Padre Manuel Maria foi, mais tarde, com o Padre José do Rosário, co-fundador da Tomina, três vezes a pé a Roma para informar diretamente as autoridades eclesiásticas e obter o seu reconhecimento sobre a Congregação e o seu Convento. A Congregação foi aprovada por bula do Papa Clemente XI, sendo determinada como sua missão prestar assistência aos moribundos, designando-se por Congregação de Frades Agonizantes. Após a aprovação papal, muitos estavam interessados em juntar-se à Congregação e o Padre Manuel Maria procura abrir um outro Convento em Mourão (que abre em 1717, o Convento do Alcance) e cria uma casa de estudos religiosos em Grândola.

A horta e vinha muradas vieram mais tarde a dar problemas com Arouche, uma vez que a concordata de Moura não permitia cultivos nem construção, apenas permitia o pastoreio. Em 1729, são enviados oficiais para arrancarem plantações e destruírem os muros, mas, mais uma vez por súplica dos religiosos, acabaram por não executar ao que iam.

Congregação dos Frades Agonizantes

Em 1749 foi imposto aos Congregados que transitassem para a Ordem fundada por São Camilo de Lélis, passando então o Convento a integrar a Congregação dos Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos de Portugal e dos Algarves:

Na “Homenagem a Monsenhor Costa Correia”, está descrito que a “Congregação de N^a. Sr. Das Necessidades da Tomina, é filha da Ven. Ordem 3^a da Penitência, por ser fundada por um Monge da mesma Ordem... mas que se perdeu quando a Congregação da Tomina se uniu ao Instituto religioso de S. Camilo de Lélis, que se dedicava ao serviço dos enfermos”.²⁴

Extinção das Ordens Religiosas

Em 1834, quando as ordens religiosas foram extintas, os monges foram obrigados a abandonar o Convento. Mesmo assim, os devotos não permitiram que a festa da Tomina se extinguisse. Neste mesmo ano, os habitantes deslocaram a festa para Santo Aleixo, tendo permanecido como a única festa anual até 1943. Continua a ser celebrada, até aos dias de hoje, no último fim-de-semana de Agosto:

“O Domingo da Tomina era, na verdade o dia maior de toda a Festa, era aquele que mais correspondia ao seu sentido inicial no antigo convento, era o dia mais dedicado a

²² Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p. 43.

²³ JORGE, séc. XVIII.

²⁴ Notícias do Convento da Tomina - Homenagem a Monsenhor Costa Correia, 1987, p. 40.

expressar a gratidão dos favores recebidos e a implorar a protecção Divina por intermédio da Senhora das Necessidades. A manhã era toda ocupada com missas por mais que um sacerdote, e às duas da tarde tinha lugar a procissão solene, no adro em volta da Igreja, após o que a festa estava terminada.”²⁵

Hoje, embora a população tenha diminuído, o número de participantes na festa não só se manteve, como aumentou de forma significativa. Isto porque os filhos que haviam partido da aldeia aproveitam a ocasião para voltar, trazendo consigo os seus filhos e amigos. Assim, a aldeia continua com grande animação nessa altura do ano, marcada pela convivência de todos os presentes.

Entendida como um processo dinâmico, contínuo e de reinterpretação do passado, a tradição contribui para a preservação da memória coletiva e para a condução dos processos de mudança social.

“Espírito do Lugar”

No livro *Antropología y Patrimonio*, a “tradição” é definida não apenas como um produto do passado, mas sim como uma interpretação do passado conduzida em função de critérios contemporâneos:

“tradición no es lo que ha estado siempre, es lo que hacemos estar.”²⁶ “... entendida en un sentido, al contrario de lo que se piensa, dinámico, como el mecanismo integrador de todo colectivo capaz de dotar de sentido al proceso imparable que comunica el pasado com el futuro, dotando de significado al presente.”²⁷

O principal valor da tradição é precisamente testemunhar, e de certo modo orientar, os próprios processos de mudança social. Esta perspectiva de a encarar como uma dinâmica interpretativa tem vindo a afirmar-se ao longo dos anos. Vários autores têm vindo a reforçar esta visão, ao destacarem a relevância das práticas tradicionais, dos saberes locais e da coesão social para a preservação do património. A tradição, nesse sentido, não apenas resgata a memória do passado, como o adapta em função do presente e dos desafios da sua continuidade.

No artigo *How important is social cohesion to heritage landscape preservation and interpretation?* é evidenciada a importância da existência de práticas tradicionais, de conhecimentos técnicos, de formas de compreensão da natureza e de coesão social, uma vez que a preservação e a compreensão do património não dependem apenas de elementos naturais e culturais.²⁸

A ligação entre o ambiente e as percepções culturais reforça a necessidade de considerar tanto os aspetos físicos, quanto os simbólicos na preservação do património. Alguns sítios foram caracterizados como lugares místicos ao evidenciarem a estreita ligação da natureza com a ordem cosmológica de grupos humanos, refere a Declaração de Quebec, documento desenvolvido no âmbito do ICOMOS e que define o conceito de ‘espírito dos lugares’: São “[...] os elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festas, saberes

²⁵ CALDEIRA, 2016.

²⁶ TORRICO, 1999, p. 24.

²⁷ MORÓN, 2003, p. 147.

²⁸ THEMUDO-BARATA, F., MASCARENHAS, J. M., & CAPELO, 2014, pp. 381-385.

tradicionais, valores, texturas, cores, odores, etc.), ou seja, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar.”.²⁹

Norberg-Schulz, em *O fenômeno do lugar* acredita que a arquitetura, os objetos e os lugares criados pelo homem detêm um caráter, uma atmosfera e um espírito. O caráter do lugar é expresso através do significado do conjunto material que transmite uma atmosfera, onde o espaço é compreendido como mais que uma entidade geométrica, reunindo os aspectos sociais da existência humana. Refere, ainda, que a camada tangível está na dimensão da materialidade, e a camada intangível é oriunda do pensamento, da memória e encontra-se na dimensão imaterial do pensar e do fazer humanos, e nos elementos de identidade cultural, que se manifestam na paisagem. Essas camadas juntas formam “totalidades ambientais”. A fluidez, a pluralidade e a possibilidade de reconstrução do espírito de um lugar exigem que ele seja constantemente verificado nas práticas patrimoniais.³⁰

Por outro lado, em *Spirit of Place: Between Tangible and Intangible Heritage*, o autor, Professor Catedrático de Etnologia e História, defende que o “espírito do lugar” permite uma compreensão aprofundada da vivência e da permanência dos monumentos, dos sítios e das paisagens. É construído pelos seres humanos em resposta às suas necessidades. Desse modo, as comunidades que habitam o lugar estão intimamente associadas à salvaguarda da sua memória, vitalidade, continuidade e espiritualidade. É por meio da participação interativa das comunidades envolvidas que o espírito do lugar se torna mais eficazmente salvaguardado, usado e aprimorado.³¹

Assim sendo, a salvaguarda do património abrange não apenas a conservação dos elementos materiais, mas também a preservação dos valores imateriais que lhe conferem significado no contexto contemporâneo. A sua conservação é sustentada por um conhecimento que permita a adaptação à atualidade e integre as questões ambientais, onde a participação da comunidade tem um papel relevante, transmitindo a importância de preservar a memória histórica como base para o futuro, pois são frequentemente guardiães do ‘espírito do lugar’ e contribuem para a sua vitalidade e continuidade.

O *Guia das Linhas Orientadoras de 2005 para a implementação da Convenção do Património, natural e construído* (UNESCO, 1987) tem como objetivo fornecer as ferramentas necessárias para o reconhecimento, identificação e documentação do património local, com dados precisos, de modo a aumentar o conhecimento e a proteção do património cultural, requerendo uma abordagem que contemple não apenas a conservação física, mas também a valorização dos saberes, práticas e valores culturais associados.

Estas diretrizes apresentam-se como instrumentos fundamentais para a conceção de abordagens de preservação, ao articularem a dimensão física dos bens patrimoniais com os elementos simbólicos que lhes conferem sentido. Aplicadas ao caso do Convento da Tomina, podem contribuir para uma leitura mais abrangente do seu valor cultural, permitindo a articulação entre a estrutura e materialidade do edifício, e os saberes, práticas e significados que nele se inscrevem.

²⁹ ICOMOS - International Council on Monuments and Sites, 2008, p.1.

³⁰ NORBERG-SCHULZ, 1976, pp. 444-446.

³¹ TURGEON, 2009, pp. 429-430.

Para que possam ser eficazes, exige-se um conhecimento aprofundado da história do convento, da relação da comunidade com o espaço, bem como das dinâmicas sociais, territoriais e ambientais envolventes. Só através desta perspetiva integrada se torna possível captar a complexidade e riqueza do seu espírito’.

Este enquadramento permite, assim, lançar as bases para a etapa seguinte da investigação, centrada na compreensão atual do valor do Convento da Tomina e na exploração de estratégias que possam contribuir para a sua valorização e salvaguarda, de forma sustentada.

Desenvolvimentos Futuros

O aprofundamento histórico e cultural do Convento da Tomina integra a dissertação como base para a formulação da proposta de salvaguarda e valorização do património sob a perspetiva da sustentabilidade sociocultural. O processo de trabalho será estruturado em diferentes fases de investigação, desde a revisão da literatura, até à recolha de dados no local e à análise das informações obtidas. A abordagem será de carácter misto, envolvendo, também, inquéritos na recolha de dados, tendo como orientação a posição de José Aguiar no texto intitulado “Projecto de Conservação: da importância do método à oportunidade das surpresas”:

“(…) as questões essenciais da conservação não são de natureza essencialmente técnica ou, sequer, científica, mas sim problemas de natureza eminentemente cultural! É a cultura de uma sociedade (ou a sua relatividade) que determina o essencial das escolhas e dos programas que os projectistas devem disciplinarmente resolver, falemos de cidade ou arquitecturas históricas, com mais ou menos arte.” (Aguiar, 2004, p. 3)³²

De modo a “conhecer para preservar” o Convento da Tomina, será necessário realizar um trabalho detalhado de levantamento, tanto do edificado como do território, incluindo levantamentos fotográficos. Seguir-se-á uma análise histórica atenta, e um estudo comparativo com edifícios em situações idênticas, para que melhor se consiga compreender as vivências, perceber que novas funções foram atribuídas a idênticos edifícios religiosos, em que contexto, estabelecendo semelhanças através de características comuns, que poderão refletir valores sociais e culturais. Interessa assim acompanhar de perto as festas da Tomina, com o intuito de entrevistar os seus organizadores e intervenientes, assumindo uma estratégia de “observação-participante”. Essa análise permitirá apreender como este momento de festa contribui para o fortalecimento da identidade cultural da região, de acordo com as tradições, valores e crenças que ainda se mantêm. Após cumpridas estas etapas, será proposta uma metodologia de intervenção para o bem patrimonial.

Considerações Finais

O contexto histórico, social e geográfico do Convento da Tomina, evidencia a sua relevância enquanto património arquitetónico e cultural da região. A análise dos elementos que constituem a identidade sociocultural do local, aliada à reflexão sobre os valores materiais e imateriais presentes, contribui para a definição de estratégias de salvaguarda adequadas à preservação e valorização deste património.

A memória coletiva que persiste em torno do Convento da Tomina é um dos seus maiores legados. A persistência dessa memória é uma prova de que o Convento da Tomina

³² AGUIAR, J. Projecto de conservação: da importância do método à oportunidade das surpresas, 2004, p. 3.

desempenha um importante significado não apenas enquanto edificação, mas representa também, uma âncora cultural que se mantém viva na memória dos mais velhos, que a transmitem às novas gerações.

Neste sítio, cada elemento, seja ele uma construção, uma paisagem ou uma prática cultural, contribui para a construção de uma narrativa coletiva, onde o espaço físico e as memórias a ele associadas se cruzam. Manter vivas as práticas sócio-culturais, fortalecerá a continuidade da identidade local, adaptando-se de acordo com as necessidades atuais.

Bibliografia

AGUIAR, José. **Projecto de conservação: da importância do método à oportunidade das surpresas**. Lisboa: ISCTE, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237584978_PROJECTO_DE_CONSERVACAO_DA_IMPORTANCIA_DO_METODO_A_OPORTUNIDADE_DAS_SURPRESAS.

ARCEBISPO DE ÉVORA. **Estatutos econstitucionais da venerável congregação da Beatíssima Virgem Maria das Necessidades da Tomina**. Cap. IV. Da vida comum, § II.

AUTORIDADE FLORESTAL NACIONAL (AFN). **Perímetro florestal da Contenda – Plano de gestão florestal**. Lisboa: AFN, 2023. Disponível em: https://www.herdadedacontenda.pt/documentos/PGF_Contenda.pdf?utm_source.

BISPO, Francisco Ferreira. **Memórias paroquiais da vila de Moura e seu termo**. Moura, 1758. Disponível em: https://www.academia.edu/101339618/Mem%C3%B3rias_Paroquiais_da_Vila_de_Moura_e_seu_termo?auto=download.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Report of the World Commission on Environment and Development: Our common future**. Oxford: Oxford University Press, 1987. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>.

CALDEIRA, Arlindo Manuel. **A aldeia de Santo Aleixo: viagem ao passado de um povo da raia**. Moura: Junta de Freguesia de Santo Aleixo Comemorativa do 3.º Centenário da Restauração, 2016.

FRANCO, José; MOURÃO, José; GOMES, Ana. **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2001.

GORDALINA, Rosário. **SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico**. 2004. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2251.

ICOMOS. **International Council on Monuments and Sites**. Paris: ICOMOS, 2008.

JORGE, Manuel. **Diversos textos memorialísticos ligados à Congregação da Tomina e ao seu fundador.** Séc. XVIII–XIX.

JORGE, Manuel. “**Extracto e verdadeira relação do princípio da fundação do deserto da Tomina e vida do padre Manuel de Jesus Maria primeiro fundador da dita congregação**”(cópia). Séc. XVIII.

LECOQ, Nuno Joaquim Costa Cara de Anjo. **A herdade da Contenda: uma paisagem única como paisagem de referência.** Dissertação de mestrado. Évora: Universidade de Évora, 2014. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/11412>.

MORÓN, Victoria. **Cuadernos Técnicos. Antropología e patrimonio: investigación, documentación e intervención.** Junta de Andalucía: Editorial Comares, 2003.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar.** São Paulo: Perspectiva, 1976. Disponível em: https://www.academia.edu/28075508/Christian_Norberg_Schulz_O_Fenomeno_do_Lugar.

NOTÍCIAS DO CONVENTO DA TOMINA. **Homenagem a Monsenhor Costa Correia.** Moura, 1987.

THEMUDO-BARATA, F.; MASCARENHAS, J. M.; CAPELO, S. How important is social cohesion to heritage landscape preservation and interpretation? In: **Proceedings of the ECLAS Conference 2014.** European Council of Landscape Architecture Schools (ECLAS), 2014.

TORRICO, Juan. **Cuadernos Técnicos. Antropología e patrimonio: investigación, documentación e intervención.** Junta de Andalucía: Editorial Comares, 2003.

TURGEON, Laurier. **Spirit of place: between tangible and intangible heritage.** UNESCO Digital Library.

UNESCO; ICCROM; ICOMOS. **Documento de Nara sobre a autenticidade do património cultural.** Nara, 1994. Disponível em: <https://comos.pt/images/pdfs/2021/35%20Documento%20de%20Nara%20sobre%20autenticidade%201994.pdf>.

RODRIGUES, Manuel. **Os baldios.** Lisboa: Caminho, 1987.